

JAZZ

6 NOVEMBRO 2015

Maria João e Mário Laginha

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sex 6 de novembro
21h30 · Grande Auditório
Duração: 1h20 · M6

Concerto associado às comemorações dos 40 anos do Provedor de Justiça

Voz Maria João
Piano Mário Laginha

Somos nós, transfigurados

«Somos nós, transfigurados», comentou Maria João na altura em que saiu o álbum *Undercovers*, do seu duo com Mário Laginha, contendo versões de conhecidos temas pop de figuras e grupos como Björk, Beach Boys, Tom Waits, Stevie Wonder, U2, Beatles e outros – com, inclusive, o cantautor romântico Alejandro Sanz no alinhamento. O que não disse foi que em cada disco, e em cada concerto, dos mais de 20 anos de existência da parceria, essa transfiguração é permanente. Assim foi com *Chorinho Feliz*, orientado para

a música brasileira, ou com *Cor*, que tem fortes referências africanas (João tem ascendência moçambicana) e do Oriente. Neste contexto, entendeu-se que *Chocolate*, o registo mais jazzístico da dupla, é aquele em que surgem de rosto descoberto, finalmente regressados às origens, pelo facto de conter interpretações de *standards* que caíram no goto do jazz.

Maria João teve muitas dúvidas em gravar esse CD, pois acha que hoje já não faz qualquer sentido apresentar mais variações do cancionário da Broadway e de Tin Pan Alley: «Já há tantos discos assim, não é? Seria demasiado cómodo e fácil. E isso é algo que não me agrada.» A ideia só se concretizou porque houve outros acrescentos, outros *twists*. Curiosamente, na capa ela e Mário Laginha surgem com as feições pintadas de negro, como os cantores brancos de *vaudeville* que fingiam ser negros para interpretarem canções ao estilo afro-americano. Ou seja, surgem mascarados, assumindo por inteiro a ironia e o artifício de tal empreendimento. Admitindo, com humildade, que «há uma herança – maravilhosa – que vem dos negros, e ninguém que se dedicou ao jazz pode deixar de a procurar».

Comprova-se, assim, que tal juízo estava errado. Este idioma musical a que chamamos jazz, ainda que possa ser a matriz de tudo o resto, é apenas um dos elementos em equação num projeto que visa algo de fundamental para a cantora e para o pianista: a mestiçagem. O cruzamento de culturas musicais variadas, na transposição para o plano sonoro do entendimento (referido por Laginha,

mas igualmente defendido por João) de que «a mistura das raças resulta em pessoas lindas». Neste concerto que revisita os repertórios de *Iridescente* (2012), *Chocolate* (2008), *Tralha* (2004), *Chorinho Feliz* (2000), *Cor* (1998) e *Fábulas* (1996), essa difusa identidade, apenas dependente da abordagem muito própria, única mesmo, dos dois intervenientes, estará em particular evidência...

Apesar do sucesso obtido junto do grande público, a natureza e o alcance das propostas realizadas foram gerando imensos equívocos. Menorizaram-se os feitos conjuntos de Maria João e Mário Laginha por não serem jazz o suficiente ou por se aproximarem demasiado da “música ligeira”, sem que se tenha compreendido o que estava em causa, quais eram os motes e os propósitos. Cada adição à obra já ouvida e documentada pretendia um esclarecimento na prática, já que aos conceitos pouco se liga num país, como o nosso, com pouca paciência para os assimilar. Pois parece finalmente que a mensagem está a passar. Pelo caminho, ouviu-se, no entanto, Laginha lamentar o que segue: «Existe sempre uma maior resistência a experiências musicais que fogem do edifício central do jazz e muitos dos discos mais originais que fizemos – e que hoje são enunciados como uma das influências de músicos de várias partes do mundo – tiveram sempre da crítica uma aceitação muito, digamos... contida.»

O contraste com o que se passava lá fora era óbvio. Conta Maria João: «Estive num *workshop* em Copenhaga, que era uma espécie de “mostra ibé-

rica”, e quando dei por mim, saltitando de sala em sala, estava envolvida em oito temas que, com exceção de um de Tom Jobim, eram todos meus e do Mário. Quatro combos diferentes, todos a cantar as minhas letras, em português. Foi incrível!» Não se aplica aqui a velha máxima de que “santos da casa não fazem milagres”, pois estes dois foram-nos fazendo uma vez e outra e outra ainda, mas o certo é que, em simultâneo, encontraram indiferenças e recusas em nome de um purismo que só pode ser consequência de 48 anos de isolacionismo cultural, apesar de todo um passado de encontros com outros povos e modos de estar. Talvez porque esses encontros se tenham verificado com os portugueses como força invasora, colonial? Certamente.

Mário Laginha, que é o compositor de quase todo o repertório do duo (Maria João é a autora de um tema que vamos escutar, *Iridescente*) afirmou também, em entrevista, algo que apenas agora estará a ser compreendido, conduzindo a uma mais decifrada assimilação do seu trabalho, seja o desenvolvido com a vocalista como em nome próprio: «Tenho vários amores na música e sempre me deixei sucumbir por eles. Se querem que eu vá para ali eu vou, não gosto de hierarquizar a música. Há a ideia de que a música clássica, que é a mais complexa, é a melhor, e depois vem o jazz e a seguir isto e aquilo. Isso para mim não existe, e acho que o génio humano sempre se soube manifestar nas coisas simples, como nas mais complexas. Acho o Bach o génio, mas também acho António Carlos Jobim

um génio. A genialidade revela-se de muitas formas.»

É por isso, aliás, que este virtuoso do piano formou o Novo Trio, nele incluindo a guitarra portuguesa de Miguel Amaral para uma maior fundamentação nesse caldo difícil de definir a que demos a designação de “portugalidade”. Acontece, porém, que também neste caso se gerou alguma confusão. «Há sempre gente que acha incrível e há sempre gente que não gosta. Há-de haver alguém que não gosta nada daquilo que faço, mas acho isso natural. Se não incomodamos ninguém é porque não estamos a fazer algo que tenha realmente interesse. Gosto do meu projeto com guitarra portuguesa, entre o jazz e o fado – de que tem pouco, embora seja o que as pessoas esperam da guitarra portuguesa –, mas não tenho dúvida nenhuma de que haverá gente que acha aquilo meio esquisito», comentou.

Estranhamente (ou nem tanto assim, dados os preconceitos existentes nos meios cultos relativamente à música popular), foi preciso que Laginha voltasse às partituras da sua formação musical, a erudita, e designadamente a Chopin, para que se esclarecesse aquilo que havia aplicado antes com, por exemplo, Caetano Veloso ou Lenine. E precisamente com os mesmos procedimentos. *Mongrel*, essa obra-prima do jazz nacional, só equiparável a *Unreal: Sidewalk Cartoon* de Bernardo Sassetti e a *Solo* de Carlos “Zingaro”, acabou por ser a chave que explica tudo o que tem motivado a colaboração de Laginha com Maria João. Apenas os conteúdos são diferentes.

Mongrel é um adjetivo em inglês que significa “mestiço”. O que encontramos neste disco é, por conseguinte, um Chopin mestiço, equivalente a Björk mestiça cantada por João. Laginha fez o mesmo de sempre quando teve entre mãos pautas de terceiros: adaptou, transformou, desconstruiu, reconstruiu de outras maneiras. Referiu na altura do lançamento desse trabalho: «Como não se tratava de fazer uma versão com ritmo de jazz – odeio isso solenemente –, havia coisas que eu tinha de limpar. Se deixasse tudo, respeitava Chopin mantendo intacto o que escreveu, mas não respeitava o espírito das suas composições.» E o que é verdade para as peças de autoria alheia, é verdade para quaisquer formas musicais (jazz, rock, funk, reggae, hip-hop, fado, MPB, música clássica, um raga indiano, uma marrabenta de Moçambique, o que estiver sob o seu foco em determinada ocasião) que adota: pega nas linguagens, nos vocabulários, nas estruturas, nos ADN’s dessas músicas e manipula-as, mistura-as, faz delas pequenas pérolas da arte musical da mestiçagem. Muitas vezes, prescindindo, inclusive, das cascas, mantendo o que mais interessa, o miolo.

Também é o que Maria João faz nos seus projetos pessoais. E justamente por pensar que «o jazz não pode ser limitado por uma definição»: «É o que um músico aprende depois de muitos anos de prática e criação. É uma música que reflete o lugar onde se vive, onde se nasceu e onde se fizeram as nossas experiências de vida, para além da nossa língua materna.» Para todos os efeitos,

ela tem por costume ouvir «tudo e mais alguma coisa», nestes últimos anos «sobretudo sons e batidas eletrónicas, por causa do meu grupo Ogre», o quinto com que vem propondo um jazz tocado com sintetizadores e computadores, incorporando neste os vocabulários da música digital.

Afinal, é isso que torna tão sedutoras a sua voz e a sua presença de palco. Não é exotismo o que nos transmite: segundo a definição dada por todos os dicionários, o termo faz referência ao que é estrangeiro, distante, desconhecido. Maria João personifica a condição mangrel da realidade urbana dos nossos dias, aqui como em qualquer outra metrópole. É um ícone da mestiçagem, num tempo em que nos vamos tornando todos culturalmente mestiços.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *online jazz.pt*

Maria João & Mário Laginha

Maria João e Mário Laginha mantêm há mais de duas décadas um duo de invulgar cumplicidade, com muitas centenas de concertos efetuados em Portugal e no estrangeiro e vários discos gravados.

Iridescente, o mais recente *opus* do duo, demonstra, uma vez mais, o enorme talento e criatividade de Maria João e Mário Laginha. Resultado de uma encomenda feita pela Fundação Calouste Gulbenkian para um concerto

incluído no ciclo *Músicas do Mundo*, a música de *Iridescente* foi composta propositadamente para um invulgar *ensemble*: voz, piano, acordeão, harpa e percussão. Maria João assina todas as letras e pela primeira vez estende a sua capacidade criativa à música, – é de sua autoria o tema que dá nome ao álbum –, todos os restantes temas e arranjos são da responsabilidade de Mário Laginha.

A capacidade inovadora do duo proporciona em cada novo disco e nas atuações em palco, momentos de criatividade e emoção. A música que interpretam não se pode rotular, sendo, muito simplesmente, a que gostam de fazer. Nela se encontram a originalidade e as influências sonoras dos países por onde passam para apresentar os seus espetáculos. Juntos gravaram, até agora, mais de uma dezena de discos, todos eles aclamados pela crítica da especialidade.

A carreira de Maria João tem sido pautada pela participação nos mais conceituados festivais de jazz da Europa e do mundo. Um percurso iniciado na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e que, em poucos anos, extrapolou fronteiras, fazendo de Maria João uma das poucas cantoras portuguesas aclamadas no estrangeiro. Possuidora de um estilo único, tornou-se num ponto de referência no difícil e competitivo campo da música improvisada. Uma capacidade vocal notável e uma intensidade interpretativa singular valeram-lhe, não só o reconhecimento internacional, como a figuração na galeria das melhores cantoras da atualidade. Unâimes no aplauso, crítica e público nomearam-na

“uma voz levada às últimas consequências”, declarando-a “uma cantora que não para de evoluir”.

Para além da sua parceria com Mário Laginha, gravou em nome próprio: *Sol*; *João*, disco dedicado ao cancionero popular do Brasil; *Amoras e Framboesas* com a Orquestra Jazz de Matosinhos e *Electrodoméstico* e *Minúsculo* com Ogre, o seu mais recente projeto. A nível internacional trabalhou com prestigiados nomes da música, tais como Aki Takase, Bob Stenson, Christof Lauer, David Linx, Gilberto Gil, Joe Zawinul, Lauren Newton, Lenine, Guinga, Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Ralph Towner, Manu Katché, Saxofour, Brussels Jazz Orchestra, Fankfurt Big Band, entre muitos outros.

Para Mário Laginha, fazer música é também um ato de partilha. E tem-no feito com personalidades musicais fortes: Maria João, Bernardo Sasseti, até ao seu desaparecimento, e com Pedro Burmester. Nos três duos é evidente a sua criatividade, uma grande solidez rítmica, uma enorme riqueza harmónica e melódica.

Criou o Trio de Mário Laginha com o contrabaixista Bernardo Moreira e o baterista Alexandre Frazão com o qual editou o CD *Espaço*, em que relaciona a sua música com o universo da Arquitectura, e *Mongrel* uma irreverente leitura da música de Frédéric Chopin. Em *Terra Seca*, último disco em Trio, explora a sonoridade da guitarra portuguesa, instrumento habitualmente utilizado no fado, mas que aqui ocupa um papel de solista, numa linguagem musical completamente inovadora. Este

Trio apresentou-se pela primeira vez na Culturgest em setembro de 2013.

Na sua discografia, já extensa, tem ainda trabalhos a solo – o premiado *Canções e Fugas* (estreado na Culturgest em 2005) – em quinteto; em duo com Maria João, com Bernardo Sasseti e com Pedro Burmester e ainda em trio com estes dois pianistas.

Tem tocado e gravado com músicos excecionais como Wayne Shorter, Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Tcheka, André Mehmari, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Julian Argüelles, Helge Andreas Norbakken, Django Bates.

Com enorme versatilidade e domínio da composição, escreveu para diversas formações, como a Big Band da Rádio de Hamburgo, a Orquestra Filarmónica de Hannover, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o Remix Ensemble Casa da Música, o Drumming – Grupo de Percussão, a Orquestra Nacional do Porto Casa da Música e a Orquestra Sinfónica de Bruxelas. Entre as peças de sua autoria destacam-se música para teatro e cinema, um concerto para piano e orquestra estreado no Festival Internacional de Música do Algarve, e um concerto para clarinete e orquestra, composto para Guimarães Capital da Cultura 2012.

Próximo evento

Ilusões de papel

de Patrícia Freire

Cinema em papel

Sáb 14, dom 15 de novembro

Sala 6 · 16h · Duração: 45 min · M4



© Patrícia Freire e Nuno Bernardo

Ilusões de papel é um espetáculo para toda a família que recorre à técnica de cinema em papel para dar luz e vida aos personagens de uma estória. Após o espetáculo, haverá uma oficina prática para conhecer melhor esta técnica.

Próximo espetáculo de música

António Eustáquio e Carlos Barretto

Música Sáb 14 de novembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© José Paulo Ruas

O rigor da tradição, a liberdade da criação. Sobre o CD que está na base deste concerto, Rui Eduardo Paes escreveu: “este disco é uma mina”. Manuel Halpern disse que era um álbum de extrema importância. E é.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
